

***Os irmãos Dagobé e Fatalidade* – Comparação dos contos com a sua adaptação
cinematográfica e a problemática da violência**

Barbora Tichá
Universidade Carolina em Praga
Faculdade de Letras
Estudos Portugueses

O objectivo deste trabalho é comparar os contos *Os irmãos Dagobé* e *Fatalidade* publicados no livro *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa com o filme de Nelson Pereira dos Santos de 1994, baseado em cinco contos do mesmo livro, concentrando-nos na temática da violência nos contos e no filme, seus motivos e forma. Trata-se dos contos *A terceira margem do rio*, que é também o nome do filme, *Seqüência*, *A menina de lá* e os dois contos mencionados acima.

Os realizadores decidiram entreligar os cinco contos de maneira que se crie uma história que tem início, intriga e desenlace, em vez de fazer, por exemplo, um filme de contos que os narrava sucessivamente. Os cinco contos não são narrados individualmente, um a seguir ao outro, mas compõem uma sequência de acontecimentos que fazem parte duma linha de acção, ou seja, os contos confundem-se para criarem uma história complexa e as fronteiras entre eles não ficam claras. Os contos particulares começam consecutivamente em fases diferentes do filme, mas, com excepção do conto *Seqüência*, encerram-se na parte final do filme.

O grau de interpenetração dos contos é variado. Os acontecimentos inspirados pelos contos desencadeiam outros acontecimentos. Alguns contos influenciam-se reciprocamente duma maneira significativa (*Os irmãos Dagobé*, *Fatalidade*), alguns são, no âmbito do filme, quase independentes (*A menina de lá*, *Seqüência*). Os contos mais importantes para a história fílmica são *Fatalidade*, *Os irmãos Dagobé* e *A menina de lá*, o que não quer dizer que os outros não tenham nenhum significado: *A terceira margem do rio* abre e encerra o filme.

O elemento que está na base é uma família brasileira que passa por várias peripécias de vida. Os seus membros são compostos por personagens retirados das cinco narrativas, mas nem todas estas pessoas são um reflexo exacto do personagem do conto que lhes serve de modelo. Por exemplo, no caso de Liojorge, os realizadores do filme utilizaram como modelo quatro, e nos de sua esposa e de um irmão Dagobé, dois personagens de contos diferentes para um personagem fílmico. Ao mesmo tempo, os personagens contribuem para a linha de acção principal com o enredo dos seus contos de origem.

O filme conta a história da família de Liojorge, que é um dos personagens do conto *Os irmãos Dagobé* e ao mesmo tempo tem as características do rapaz de *Seqüência* que graças a uma vaca tresmalhada encontra a sua futura mulher, as do homem de *Fatalidade* assim como as do filho de *A terceira margem do rio*. Esta mesma mulher serve de modelo para a Alva, esposa do Liojorge no filme, e personifica igualmente a mulher perseguida de *Fatalidade*. O casal tem uma filha que tem habilidades sobrenaturais. O motivo da filha prodigiosa é tomado do conto *A menina de lá*. A mãe que vive com o casal leva as feições da mãe de *A terceira*

margem do rio, cujo marido abandona a família e vai viver no meio do rio, assim como as da avó de *A menina de lá* que cuida da sua neta milagrosa. A irmã do Liojorge provém também de *A terceira margem do rio*. A família vive tranquilamente no campo até ao momento em que a vida se altera radicalmente com a sua mudança para a cidade de Brasília. Este momento é uma consequência de dois factores: a falta de água – e, por isso, falta de alimentos – e o aparecimento dos Dagobé que ameaçam a vida tranquila da família. Em consequência, Liojorge leva a mulher, a filha e a mãe para a cidade onde acontecem coisas que neles viriam a deixar marcas para o resto da sua vida. A menina morre e o Dagobé é morto pelo Liojorge por causa de Alva. Depois voltam para o campo com a “terceira margem do rio”.

Conforme foi indicado acima, os dois contos que mais se confundem são *Os irmãos Dagobé* e *Fatalidade*. Do primeiro é tomado o motivo de quatro irmãos temidos que aterrorizam toda a gente, o nome do personagem principal Liojorge, o homicídio do cabeça do clã Dagobé cujo primeiro nome é Herculinão, nome tomado do conto *Fatalidade*, e a conciliação entre as partes inimigas. *Fatalidade*, por sua vez, contribui para o filme com o motivo da perseguição de uma mulher casada e o esforço do marido para proteger a esposa, e com o motivo dum Amigo que lhe dá conselho para acabar com o perseguidor.

Pode-se dizer então que o primeiro conto é pela primeira vez referido no filme no momento em que Liojorge é chamado pelo seu nome. Do ponto de vista dos acontecimentos o primeiro palpite de que se trata dos quatro irmãos aparece quando o abordam perto da casa do Liojorge. A presença deles é assinalada já pela patrulha de polícia que perscruta o rio à procura dalguns criminosos. Logo depois da chegada dos irmãos, desenrolam-se os motivos do conto *Fatalidade*, porque Herculinão Dagobé conhece a esposa de Liojorge Alva e começa a desejá-la. Quando Liojorge e a família dele se deslocam para a cidade e se encontram outra vez com os Dagobé o espectador conhece a característica deles em plena forma. Os irmãos continuam a ameaçar o casal na cidade porque Herculinão continua a desejar Alva. Quando consegue possuí-la, Liojorge se encontra com o Amigo, o personagem principal do conto *Fatalidade*, que lhe dá um revólver para matar o inimigo. Tal como em *Os irmãos Dagobé*, Liojorge vai matá-lo, mas quem efectua o homicídio é o Amigo, ao contrário do que sucede em *Fatalidade*, onde os dois participam no acto. O desenredo volta a *Os irmãos Dagobé* no momento em que o suposto culpado vem ao enterro do morto e ajuda a levar o caixão. Junto à sepultura chega-se à conciliação entre as duas partes.

Entre os contos escritos e o filme registam-se algumas diferenças na actuação dos personagens e nas circunstâncias, nas quais se encontram. No conto *Fatalidade*, quem

persegue a mulher chama-se Herculinão. No filme, identifica-se com Damastor Dagobé e chama-se Herculinão Dagobé. No conto, persegue apenas a mulher descurando o marido, ao contrário do que acontece no filme, onde se descarta do marido antes de raptar a mulher. Em Liojorge há, pelo menos, dois personagens também: o marido de *Fatalidade*, Zé Centralfe, e Liojorge, de *Os irmãos Dagobé*. Quanto ao Amigo, no texto é buscado pelo próprio esposo desgraçado, enquanto no filme Liojorge é levado para a casa dele por um homem que conhece na cadeia, onde se encontra por causa dos Dagobé.

O motivo do homicídio no filme difere dos dois textos, onde o motivo é a auto-defesa ou a defesa da esposa. Porém, no filme o perseguidor rapta a mulher e faz-lhe mal, por isso é compreensível que o motivo mais provável seja a vingança do que a defesa. Isto falando do motivo de Liojorge. O motivo do Amigo que mata é, tal como no livro, libertar o mundo dum bandido.

Damastor Dagobé, segundo o texto, representa o mais velho dos irmãos, enquanto no filme vê-se que o actor é novo e que, com certeza, não figura como o mais velho dos quatro; pelo contrário, até parece que é o mais novo. O dia do enterro dele é, no texto, descrito como um dia de chuva constante e de intensidade variada. Quando o cadáver está sepultado, o sucessor, outro irmão mais velho no texto, diz: "*A gente, vamos'embora, morar em cidade grande...*" (Rosa, pág. 75)¹ Ao mesmo tempo, "*sacudiram dos pés a lama, limpavam as caras do respingado*", (Rosa, pág. 75) como se limpassem os pecados anteriores. No fim da estória "*...outra chuva começava.*" (Rosa, 75), o que pode significar que começava a chover outra vez, mas também que começava uma nova chuva que trazia nova direcção à vida dos irmãos. Neste sentido, o filme não oferece tal ideia. No dia do enterro, a terra à volta está toda enxuta. O novo líder dos irmãos, no texto chamado de Dorição, não pode dizer para irem para a cidade porque já se encontram nela. No conto vão para a cidade depois da morte do irmão para viver vida nova, enquanto no filme todos os quatro vão para lá antes do assassinio de Herculinão/Damastor e o objectivo principal deles não é começar uma vida nova na cidade, mas perseguir Alva.

Vendo o retrato psicológico do Liojorge no filme e no conto *Os irmãos Dagobé*, regista-se o seguinte: no conto, trata-se de um rapaz despreocupado, aparentemente mais fraco do que o apavorante Damastor Dagobé. Depois de o matar, o rapaz fica espantado e tem medo de que os outros Dagobé vinguem a morte do irmão. Como eles estão ocupados com o enterro

¹ Rosa, João Guimarães, *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

do Damastor, o culpado tem bastante tempo para fugir, só que ele não quer, pensando que não vale a pena pois os irmãos atingi-lo-iam e matá-lo-iam na mesma. Fica, então, resignado em casa, aguardando a sua sentença. Afinal de contas, toma forças e resolve ir à casa do morto para se defender e oferecer-se para ajudar a carregar o caixão. Assim mostra a sua coragem.

O filme dá um retrato diferente de Liojorge. Já não se trata dum rapaz, mas de um homem adulto, que representa um adversário equivalente ao Dagobé. A versão fílmica quase não se ocupa do estado psíquico de Liojorge depois de acabar com o adversário. Não aparece na cena a partir deste momento e o espectador encontra-se com ele somente durante o velório do morto, onde declara a sua vontade de se defender e de ajudar a levar o caixão. Perante os irmãos dá uma impressão de acabrunhado e incerto, se calhar com medo de os enfrentar, mas isto não se pode afirmar com certeza. Comparando a psicologia de Liojorge fílmico com Zé Centralves, o segundo chega ao Amigo pedindo-lhe um conselho e declarando o seu gosto pela lei e ordem, tal como sucede com o Liojorge fílmico. O motivo dele para matar é a defesa da mulher, mas quando identificado com o esposo do filme, os motivos são a vingança e a salvação da esposa.

Também o retrato do Damastor Dagobé é diferente no conto e no filme. No conto é descrito como um bêbado, facínora, mau e perverso, que, tal como os seus irmãos, até morto mete medo e respeito. No rosto dele distingue-se um nariz torto e um queixo de piranha e todas as maldades que tinha feito. Antes de ser morto pelo rapaz, ameaça-o sem causa, por puro divertimento. No filme não é feio como seria de esperar segundo o conto mas, ao contrário, tem a aparência de um homem sedutor, cuja vida parece ser cheia de mulheres. Afinal, uma mulher viria a ser a sua desgraça. As maldades feitas por ele e pelos seus irmãos não são descritas directamente mas são insinuadas durante o filme: a polícia no rio, o preso que eles levaram consigo e que queriam trocar por dinheiro... A última maldade dele não é feita sem razão concreta como no texto, mas por um motivo sexual.

Diferente é também a relação dos quatro irmãos. No conto os três vivem sob a chefia despótica do mais velho e a morte dele significa para eles certo alívio: "*Eles, os Dagobés sobrevividos, faziam as devidas honras, serenos, e, até, sem folia mas com a alguma alegria.*" (Rosa, 72) No filme o enterro é mais emotivo. Os irmãos choram em cima do caixão e Liojorge é visto com ódio. Os irmãos do conto são retratados em *estreita desunião* e segundo o estudo da Ana Paula Pacheco "*Insinua-se, aos poucos, o motivo milenar dos irmãos inimigos, que reverbera no foco narrativo.*" (pág. 83)² Os irmãos fílmicos, por sua vez, são

² Pacheco, Ana Paula, *Lugar do Mito*. São Paulo: Nankin Editorial, 2006.

retratados em *estreita união*, irmãos que se amam um ao outro. O Damastor do conto governa com terror, o Herculínio/Damastor fílmico governa com carisma, o que se deduz pelo facto de não ser o mais velho deles, o que legitimaria a sua posição dominante através da força.

O Amigo representa – quer no filme, quer no conto – uma pessoa sábia e culta que tem sempre uma solução para cada problema e tem paixão por armas. O papel dele, crucial para os outros, é o mesmo no conto e no filme. É ele quem dá a Liojorge/Zé Centralves o impulso para matar o adversário, mesmo que seja ele próprio a fazê-lo. Ele mantém a ordem na cidade, e está convencido que tem direito a fazê-lo: "...em *legítima simulação de legítima defesa*." (J. M. Wisnik, pág. 194)³

O estado da lei no Brasil foi descrito por José Miguel Wisnik no seu estudo *O Famigerado* pelo denunciado "*Falta a lei, a lei falta*." Na cidade há um defensor da ordem pública – a polícia – mas *a lei* nas mãos dela *falta*, porque é corruptível. Falta então a lei da justiça que é dominada pela lei do dinheiro. O Amigo representa a lei da justiça, mas à sua própria maneira. Em vez de levar Herculínio à barra do tribunal, é ele mesmo quem decide sobre o castigo do agressor. J. M. Wisnik fala na "*ambiguidade da lei não fundada*" (J. M. Wisnik, pág. 178), o que quer dizer que a lei que asseguraria justiça para todos (ainda) não funciona no Brasil e a lei que é representada pelo Amigo é ambígua porque por um lado combate o mal, mas por outro lado fá-lo por maneiras erradas. O Amigo transgredir a lei da justiça, ainda não desenvolvida no Brasil, mas ao mesmo tempo defende-a. "...*pois a lei se define rigorosamente, em sua forma lógica, como sendo a própria negação da lei*." (J. M. Wisnik, pág. 188) Além de ser o defensor da lei, um delegado de polícia, incumbiu-se do papel de destino. Depois de matar Herculínio no conto, profere: "*Tudo não é escrito e previsto?*" (Rosa, 105), pelo que de facto defende a sua maneira de agir.

Todas as personagens do filme, seja a família, seja os irmãos Dagobé, experimentam a vida em dois mundos diferentes: no campo e na cidade. Liojorge e os seus próximos mudam para a cidade por causa da *secura* que os atormentava no campo e que limitava os recursos da alimentação. Seguem a irmã de Liojorge que tinha mudado para lá com o seu marido. A cidade é imaginada como um lugar de sonho, um paraíso. "*Eu queria estar com eles. Longe deste inferno*". Diz Alva durante as suas dores de parto depois de Liojorge ler a carta da irmã. Deslocam-se então para a cidade em busca de uma vida melhor, onde existe trabalho que assegura condições mais favoráveis para viver, dando acesso a coisas como *geladeira* ou

³ Wisnik, José Miguel, *O Famigerado*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 177-198, 1º sem. 2002.

televisão. Como diz Alva no filme, depois duma busca de milho sem sucesso: "*Nós não temos jeito. Ir embora para a cidade. Lá tem vida.*" Outro motivo, conforme dito acima, foi o esforço de escapar ao perigo representado pelo Dagobé. Este vai à cidade com os irmãos por causa de Alva. "*Fugiram. Vamos atrás deles.*"

Mas a cidade não satisfaz as expectativas da família e prepara-lhes momentos duros que influenciam radicalmente a vida deles. Alva é raptada, Liojorge mata o Dagobé e a filha deles morre. A família volta para o campo, porque a cidade já não lhes parece um lugar bom para viver. O motivo de o casal mudar para a cidade por causa dum perseguidor é tirado do conto *Fatalidade*. O motivo de abandonar o campo por causa de visão de melhor vida foi provavelmente inspirado por um personagem de *A terceira margem do rio* que resolveu ir para a cidade. Os cineastas enriqueceram estes dois motivos pela necessidade de ir por causa da fome.

No conto *Os irmãos Dagobé*, a cidade serve de um lugar de vida nova. Depois da morte do mais velho deles, os outros admitem que o Damastor foi "*um diabo danado*" (Rosa, 75), como se abdicassem de violência física. O facto de decidirem ir para a cidade logo após o enterro insinua que a cidade figurava nos sonhos deles já muito tempo, mas não abandonaram a roça porque o Damastor não o permitia. Conforme Ana Paula Pacheco, eles: "*...abdicaram da violência direita, confiantes, talvez, na ordem moderna de dinheiro –, livres do crivo de maldades a que Damastor os constrangia.*" (pág. 85) Se pegarmos nisso, pode julgar-se que eles começaram a descobrir o poder do dinheiro ainda durante a vida do Damastor e na cidade queriam usufruir deste poder, porque o poder físico tornou-se cada vez menos eficiente. Ana Paula Pacheco continua: "*A figuração da cidade como destino dos Dagobés parece indicar um caminho rumo à ordenação civil da violência, uma travessia apenas anunciada.*" (pág. 84) No conto, este rumo é assinalado; no filme, mostrado directamente.

No filme, os Dagobé chegam à cidade antes da morte de Damastor/Herculinão. Uma vez na cidade, à primeira vista nota-se que mudaram. No campo vestiam-se de roupa camponesa, enquanto na cidade surgem elegantes, com roupa moderna, adaptados à vida citadina, já habituados ao poder do dinheiro, que sabem utilizar muito bem. Após o enterro os restantes irmãos decidem ir para outro lugar para começar de novo, mas sem o tom de mudança radical que é representada pelas diferenças entre o campo e a cidade. Mesmo assim, os irmãos decidem não ficar no mesmo sítio e ir embora, longe das memórias: "*Vamos viver longe daqui*".

A concepção da cidade difere, pois, no filme e nos contos. Enquanto nos contos é um sítio para onde se vai, ainda que não saibamos se Zé Centralves fica ou não, no filme é um

sítio que se pode também abandonar. O campo é um lugar de regresso, um lar ao qual as pessoas pertencem, mesmo que a vida seja dura. Esta forte ligação ao campo e desorientação dos camponeses é exemplificada pelo desejo da avó de estar na casa dela quando fica na cidade.

Os irmãos Dagobé são, no conto, caracterizados sobretudo pela violência que é, no fundo, a sua maneira de viver. "*Estava-se no velório de Damastor Dagobé, o mais velho dos quatro irmãos, absolutamente facínoras*". (Rosa, pág. 71) Sempre bêbados, cometendo violência sem motivos razoáveis. "*O Dagobé, sem sabida razão, ameaçara de cortar-lhe as orelhas*" (Rosa, pág. 72). Esta violência sem razão leva a mais violência. Liojorge, um rapaz pacato que nunca pensaria em matar alguém, é de tal maneira provocado por Dagobé que dispara sobre ele porque é a única maneira de escapar aos seus caprichos perversos. Também no conto *Fatalidade* a violência é provocada num homem decente que nunca pensara em matar.

Um capricho perverso desempenha o seu papel na versão fílmica também. Quando Dagobé raptar Alva, Liojorge, a fim de a salvar, é forçado a recorrer à violência, o que antes nunca lhe tinha passado pela cabeça. Zé Centralves do conto nem Liojorge do filme não pensavam em utilizar armas antes de ter matado pela salvação da esposa. Só depois de terem encontrado o Amigo, que desempenha o papel de um conselheiro sábio, aceitaram a ideia de defender a mulher desta maneira.

O filme mostra não só violência "individual" cometida por pessoas concretas e por razões concretas, mas também deixa ver a violência que domina a cidade, nomeadamente a cena de noite de um tiroteio com alguns mortos que mostra um problema global das cidades grandes no Brasil. As armas são então a lei e a maneira de resolver problemas entre as pessoas. Mas a versão fílmica também mostra que é possível liquidar o adversário com recurso à violência, bem como pela astúcia e recorrendo à força do dinheiro. Quando o Dagobé quer raptar Alva, impinge a Liojorge um pacote de droga e paga aos polícias para prendê-lo e assim o mesmo vai à prisão e o malfeitor tem mãos livres para tomar posse da mulher. Nota-se também que ao contrário da roça um não obtém ajuda sem pagar. Liojorge tem que pagar para ser liberto da prisão e também ao homem que o leva ao Amigo.

Simplificadamente podemos dizer que, na roça, os conflitos resolvem-se directamente entre as partes inimigas – homem contra homem, com armas ou sem elas. Na cidade, porém, é possível envolver no conflito uma terceira pessoa que *ajuda* resolver o problema. Ainda por cima, o filme revela aquilo que nos contos podemos apenas adivinhar: na cidade surge outro tipo de violência, além da violência física, a *violência do dinheiro*. Os homens infringem os

fracos princípios morais e as leis mal constituídas por causa do dinheiro e não ajudam sem retribuição financeira. Os policiais prendem Liojorge porque são corruptos; para se encontrar com o Amigo, Liojorge tem que pagar, etc.

Comparando as versões cinematográfica e escrita dos dois contos, notam-se os seguintes factos:

O desfecho do conto *Os irmãos Dagobé* anuncia que a roça já não satisfaz os irmãos, e que este modo de vida já não é para eles. Por um lado Liojorge mostrou-lhes que, mesmo que sejam os mais temidos, são vulneráveis; por outro lado a roça começa a aborrecê-los e querem experimentar a cidade, onde a vida é mais excitante. Descobriram que, além da violência física, que está a perder importância, cresce a força do dinheiro e eles querem segui-la. O que no conto é apenas assinalado *continua* no filme, onde encontramos os irmãos adaptados à cidade e habituados ao mundo dominado pelo dinheiro. Nem o conto, nem o filme em si mostram o contraste entre os irmãos no sertão e os irmãos na cidade, mas este contraste vê-se ao comparar o conto e o filme. Neste sentido, as duas formas artísticas complementam-se na apresentação do retrato completo dos irmãos. O conto mostra os irmãos antes da mudança de violência física para *violência do dinheiro* que se está aproximando. O filme mostra-os depois desta mudança, da qual Herculínio faz parte também, ainda antes da sua morte.

Por isso a conclusão que pode ser tirada da cena do velório no conto, será diferente da que se retira da cena fílmica, que oferece uma certa catarse dos irmãos sobreviventes. Os mesmos ajudam a cometer o último crime de Herculínio. Por esta razão, a declaração que fizeram – que o morto foi um *diabo de danado* – pode ser compreendida como confissão de que eles também eram *diabos danados*, porque participaram naquilo que Herculínio fez, e não se vingaram em Liojorge porque decidiram quebrar o ciclo de violência. O filme dá uma esperança de que os próprios criminosos queriam acabar com a violência, mas não indica o próximo rumo deles. No conto, porém, os irmãos quebram o ciclo de violência porque já não lhes dá nem prazer nem proveito.

Quanto ao conto *Fatalidade*, é evidente que, no país nele retratado, o sistema de justiça ainda não está desenvolvido e que a lei pode ser interpretada de maneiras diferentes. O facto de não existirem no Brasil órgãos de justiça que funcionem bem, possibilita a existência de delegados da polícia como o Amigo, mesmo que a sua interpretação da lei seja discutível. O conto não diz se a polícia é corruptível, ao contrário do filme, onde vemos que é. Ainda por cima, o filme demonstra que mesmo que um homem tenha o poder do dinheiro, não foge ao seu *destino* e que as armas ainda têm a palavra final. A Herculínio Dagobé não ajuda o facto

de ter amigos na polícia e não consegue fugir à *justiça* personificada pelo Amigo. Esta justiça até pode punir antes de se cometer um crime: no conto, o Amigo nem espera para que Herculíno faça mal à mulher e mata-o para prevenir que efectivamente o faça.

Além das ligeiras alterações feitas nos momentos acima descritos, outros acontecimentos foram acrescentados na versão fílmica, por exemplo, o primeiro encontro dos irmãos com a família de Liojorge ou o rapto de Alva. Os acréscimos servem para tornar a história mais interessante e para salientar o despotismo de Damastor, porque no filme não há muitas situações que mostrem esta feição dele. Por último, mas não menos importante, a violência contra Alva pode servir para tornar o assassinato mais justificável. Se no conto *Fatalidade* não parece estranho matar alguém sem reacção a uma agressão concreta, na estética cinematográfica isto seria menos compreensível e o acto de Liojorge e do Amigo, respectivamente, podia ser julgado como injusto ou injustificado.

O filme utilizou os motivos fundamentais dos dois contos e desenvolveu-os de modo que sejam compatíveis e que sejam a continuação ou o complemento dos acontecimentos literários. Mostra o Brasil como um país moderno (por exemplo casas equipadas com televisão, geladeira...) onde "...o sertão se destrói e se transforma..." (J. M. Wisnik, pág. 178), ou seja, um país que foi atingido pelas invenções modernas e por maneiras *modernas* (poder do dinheiro), mas que ao mesmo tempo continua a ser o velho Brasil representado pelo sertão, onde os homens lutam pela vida através da violência.

Recursos:

Rosa, João Guimarães, *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Pacheco, Ana Paula, *Lugar do Mito*. São Paulo: Nankin Editorial, 2006.

Wisnik, José Miguel, *O Famigerado*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 177-198, 1º sem. 2002.